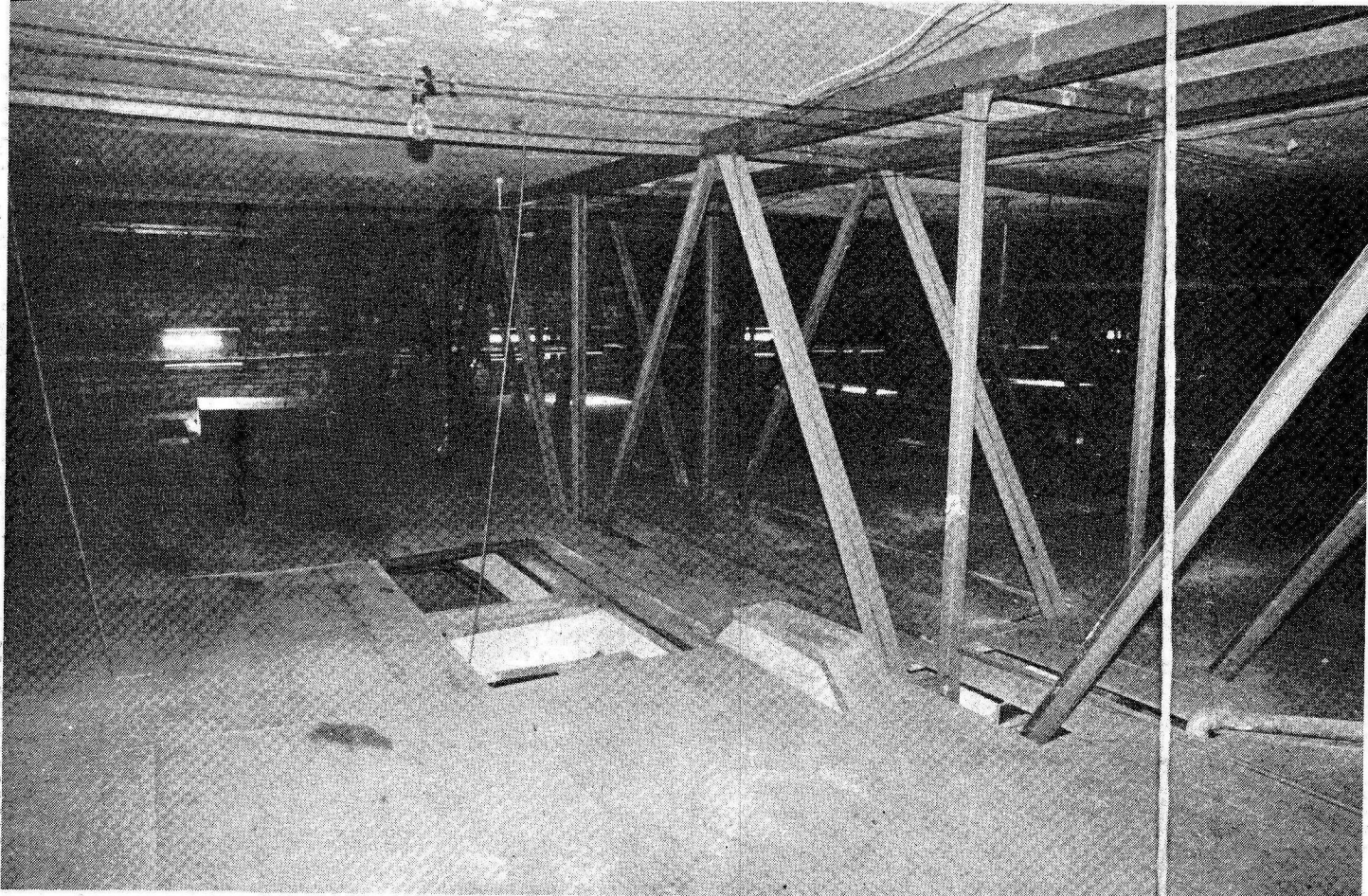


Recursos para a reforma dependem de Funaro

VALERIO AYRES



Material de fácil combustão, a estrutura de madeira nos andares intermediários é sempre um risco de incêndio

Integração pode ficar sem o HFA e o Sarah

Construção de mais hospitais na periferia do Distrito Federal. Esta é a principal alternativa para a solução do problema hospitalar na capital do País; segundo opinião do presidente do Sindicato dos Médicos, Carlos Saraiva e Saraiva. Paralelo a esta medida, o Governo do Distrito Federal deve fazer uma política de recursos humanos, na visão do presidente do Sindimed.

Isto sendo aplicado significa a saúde para os problemas básicos, observou Saraiva, acrescentando que a intenção do governador de integrar todas as unidades da Fundação Hospitalar para melhorar a saúde do Hospital de Base de Brasília deve incluir, também, o Hospital das Forças Armadas e o Sarah Kubitschek.

O presidente do Sindicato dos

Médicos está preocupado com a possibilidade de o Hospital das Forças Armadas e o Sarah Kubitschek não entrarem para a "integração do sistema de saúde" em razão de pressões políticas muito fortes. No caso do Sarah Kubitschek, segundo Carlos Saraiva, o diretor Campos da Paz tem uma força política muito grande "e lá ninguém mexe". No HFA, Saraiva acredita que as próprias Forças Armadas pressionem para que fique de fora da "integração".

Além disso, o presidente do Sindimed levantou outro problema: o quarto andar do Hospital Sarah Kubitschek foi desativado no ano passado por falta de médicos e paramédicos. Ele pergunta como o hospital vai abrigar doentes do HBB durante a reforma se já existem alguns problemas de pessoal.

Saraiva acredita que para a reforma do HBB, com a transferência de pacientes para outros hospitais da rede, os profissionais desses outros hospitais não vão ser suficientes. "Isto significa que com a impossibilidade de contratação de funcionários para o serviço público", afirma o presidente do Sindimed, "o problema no atendimento vai continuar".

Outra preocupação de Carlos Saraiva é com a "ciranda de profissionais de um lado para o outro". Ele previu que com o remanejamento de pacientes para os hospitais do Plano Piloto, os médicos, enfermeiros e paramédicos da periferia também sejam remanejados deixando as demais unidades descobertas.



O garoto que caiu do sétimo andar do hospital: vítima da desorganização atual

Até Magalhães Pinto ficou lá

O Hospital de Base já foi palco dos mais estranhos acontecimentos, causando indignação de uns e espanto de quem não compreendia os fatos. Foi no HBB que o presidente Tancredo Neves fez questão de se internar para curar o seu divertículo de Meckel ainda não diagnosticado, e lá começaram os problemas, vindo a falecer no Instituto do Coração, em São Paulo. Estas e outras "falhas" do hospital fizeram com que o deputado Magalhães Pinto, em 1982, afirmasse, ironizando, que o melhor hospital de Brasília é a ponte aérea. Mas o HBB continua a atender gente de todo o País e de toda a periferia do Distrito Federal.

O próprio Magalhães Pinto terminou sendo atendido no HBB, meses depois. Ele voltou para casa recuperado. Recuperado também ficou o menino Israel, filho de Francisco Cardoso dos Santos e Maria Ana Moreira. O menino, na época com dois anos e cinco meses, estava internado no 7º andar do HBB. Junto com um outro garoto conseguiu subir um andar e terminou despençando entre os dois prédios do hospital, caindo sobre o que a Fundação Hospitalar chama de grade de águas pluviais. O traumatismo no rosto foi grave, mas Israel terminou voltando para casa depois de cinco meses internado com problemas cardíacos.

A mesma sorte não teve Sebastião Pereira Nascimento, 75 anos, aposentado, que morreu um dia depois de cair da cama quando estava no boxê três da Clínica Médica. Ele teve traumatismo craniano e morreu no dia 19 de julho do ano passado. A filha de Sebastião, Edileusa, deixou o pai bem disposto numa segunda-feira e três dias depois voltou e ele estava sujo de sangue e com traumatismo craniano. Foi operado e não resistiu.

Em novembro do ano passado, durante a 2ª Jornada de Infecção Hospitalar, o presidente da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do HBB, Eurico de Aguiar, anunciava que o índice de infecção naquela hospital atingia quase 12 por cento dos internados. Mas os médicos prometeram continuar trabalhando para baixar este índice.

ATRASSO

Na quinta-feira, 24 de abril, o menino Edwan Lopes da Silva chegava ao Hospital de Base, por volta das 17h, tendo sido picado por uma jararacuçu. Somente cinco horas depois o soro foi aplicado. Não tinha o medicamento na rede hospitalar. O soro antiofídico foi encontrado e doado (depois de muita pressão e uma primeira negativa) pelo Hospital das Forças Armadas. Edwan chorou e teve a perna esquerda amputada. Dias depois, mor-

reu.

Há 15 dias o poeta e assessor do Ministério da Educação, Tarcísio Meira César, chegou ao Hospital Regional da Asa Norte com uma hemorragia na garganta. Foi transferido para o HBB onde fica na Unidade de Tratamento Intensivo. Logo se assusta com a situação física da UTI. Paredes molhadas e com infiltração de água. Ficou internado improvisadamente porque não existia mais lugar.

Tarcísio Meira César relata que recebeu um bom tratamento por parte de médicos e enfermeiros. Alguns, segundo ele, chegaram ao ponto de abnegação e dedicação total à profissão. Mas as condições do hospital e o seu estado tenso por causa do medicamento e da doença fizeram com que tivesse até alucinações. Medo de ser operado naquelas condições. Felizmente Tarcísio se recuperou sem necessidade de cirurgia e foi para o Hospital Santa Lúcia, depois de insistir com os médicos para ser transferido.

Mas ontem chegavam ao Hospital de Base dezenas de pessoas de vários lugares do Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Bahia, principalmente. Mesmo com o seu fechamento para reformas, o HBB vai continuar sendo o ponto de referência de muita gente que não pode pagar atendimento e até mesmo está atrasada com as prestações do INPS.

Infecção já atinge 13%

Desde o início do ano, a taxa de infecção hospitalar do Hospital de Base de Brasília está aumentando: em abril a taxa global foi de 9 por cento e em junho chegou a 13 por cento. Para o presidente da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do HBB, Eurico de Aguiar, essa diferença era de se esperar. Segundo ele, melhores condições de trabalho e estímulo ao crescimento do profissional da área médica seriam suficientes para baixar a perigosa taxa em 50 por cento.

A comissão do HBB existe desde 1979 com o objetivo de manter vigilância na infecção hospitalar em todas as dependências da instituição. Para tanto, quatro enfermeiras percorrem duas vezes por semana todas as quatro áreas críticas do HBB: Unidade de Terapia Intensiva; berçário de alto risco; neurologia e neurocirurgia; e ainda a cirurgia geral. O trabalho de controle de infecção hospitalar inclui a adoção de medidas que vão alterando a vida normal da instituição.

"Levamos um programa educacional aqui dentro. Neste programa levantamos técnicas usadas de maior risco e procuramos fazer com que sejam rigorosas. Padronizamos materiais utilizados internamente, desde equipamentos médicos a germicidas e antibióticos". Apesar de todo este trabalho, considerado preventivo pelo presidente da comissão, a taxa de infecção continua subindo depois de ter estacionado em torno de 8 por cento nos três primeiros meses do ano.

Em 1984, quando o ex-presidente Tancredo Neves esteve internado no HBB, a taxa de infecção hospitalar era de aproximadamente 10 por cento. "Isto sem uma avaliação muito rigorosa", complementa Eurico de Aguiar. Em outubro do ano passado a taxa real (não mais aproximada) era de 15 por cento, ou seja, 70 por cento acima do que é hoje. "O aumento da taxa de infecção hospitalar é uma resultante de vários problemas do hospital, que estão evoluindo cada vez mais ao invés de diminuir. Mas isto não implica necessariamente em má qualidade de assistência médica".

Dentre os aspectos relacionados por Eurico de Aguiar como influenciadores no aumento da taxa estão a falta de pessoal de limpeza próprio da Fundação Hospitalar; pequeno número de auxiliares de enfermagem e enfermeiras nas áreas críticas do hospital; falta de antibióticos e germicidas em número suficiente e ainda falta de incentivo à evolução técnico-científica do quadro de profissionais da Fundação. "Não se baixa infecção por decreto, somente se receber o apoio adequado".

Segundo Eurico de Aguiar, em um hospital terciário como o HBB, a taxa de infecção hospitalar está naturalmente acima da maioria dos hospitais. "Nos Estados Unidos, por exemplo, taxas de 3 a 4 por cento são consideradas de bom padrão", disse. Informou que entre os problemas gravíssimos enfrentados pelo HBB está uma UTI funcionando aos moldes das existentes na década de 60.

LUCIO BERNARDO



Aguiar: taxa perigosa

O pronto-socorro do Hospital de Base de Brasília será desativado gradativamente para as obras de reforma do prédio, orçadas em Cz\$ 90 milhões. Ontem pela manhã o governador José Aparecido reuniu-se durante uma hora no HBB com o secretário de Viação e Obras, Carlos Magalhães, o diretor do Hospital, Márcio Pallis Horta, e o secretário de Saúde em exercício e diretor da Fundação Hospitalar, João da Cruz, que lhe entregou o relatório elaborado pelo Departamento de Engenharia e Transportes da Fundação Hospitalar sobre o estado físico do prédio, a pedido da direção do HBB. Segundo João da Cruz, o Governador já entrou em contato com o Ministro da Fazenda para a liberação dos recursos necessários e espera resposta quando Dilson Funaro voltar da Argentina.

O Governador fez questão de atravessar a parte mais precária do HBB, entrando pela emergência do pronto-socorro. Após passar entre a fileira de macas colocadas nos dois lados do corredor da emergência, Aparecido chegou ao gabinete do diretor do Hospital. Lá, rece-

beu o relatório das mãos de João da Cruz, em frente a um quadro com a foto do ex-presidente Tancredo Neves, que, com uma expressão matreira, parecia divertir-se com a ironia da situação.

As obras para a reforma do pronto-socorro serão feitas através de convênio entre a Fundação Hospitalar e a Secretaria de Viação e Obras, que participou da construção da primeira fase do Hospital, em 1959. O secretário em exercício João da Cruz já está estudando o cronograma de desativação gradativa dos diversos setores do pronto-socorro e transferência de funcionários e pacientes para os outros hospitais da Fundação. As unidades da rede do Inamps e o Hospital das Forças Armadas também deverão entrar no circuito de atendimento. A demanda do HBB, num esquema semelhante ao montado na época da greve dos médicos da Fundação.

"O Hospital Regional da Asa Norte tem mais de 100 leitos ociosos e o Presidente Médici também está com quase 100 leitos desativados", observa João da Cruz. Ele acredita que com a

transferência dos médicos e outros funcionários para estes hospitais será possível atender bem todos que hoje procuram o pronto-socorro do Hospital de Base. Segundo o secretário, o atendimento ambulatorial, feito na parte mais antiga do HBB, será mantido. Ele calcula em cerca de seis meses o prazo de conclusão das obras, "caso se trabalhe 24 horas por dia".

Somente o pronto-socorro atende uma média diária de 700 pessoas. Mas, Márcio Horta também acredita que sua desativação a curto prazo é perfeitamente viável, caso seja feita de forma planejada. Ele observa que, depois da reforma, o pronto-socorro do HBB passará a atender somente os casos graves de politraumatizados e pacientes que necessitam de atendimento mais especializado, enviados por outros hospitais. Isso, segundo seus cálculos, reduzirá o volume da demanda para cerca de 20 por cento. Márcio afirma que o HBB atende hoje pacientes graves e mais três ou quatro vezes esse número de casos simples, que deveriam ficar a cargo dos postos de saúde ou hospitais regionais.

Risco de desabamento é iminente

A precariedade do sistema médico-hospitalar de Brasília por pouco não ocupa novamente as primeiras páginas da imprensa mundial. Menos de três meses depois de o menino Edwan morrer por demora na aplicação do soro antiofídico, o relatório elaborado pelo Departamento de Engenharia e Transportes da Fundação Hospitalar, a pedido da direção do HBB, sobre o estado físico do prédio, não dá margem a dúvidas: um acidente de graves proporções somente não aconteceu lá ainda por sorte, muita sorte.

Risco de desabamento, de incêndio, contaminação da água das caixas pela infiltração de esgotos de redes próximas, além de "contato direto dos ambientes de cirurgia e demais áreas de procedimentos médicos com o entrepiso, local de acúmulo de pó, fuligem, lixo e possivelmente insetos e roedores". Estes são alguns dos problemas apontados pelo relatório, que indica ainda o colapso das instalações de água quente e fria, "totalmente corroídas pelo desgaste de uso", e da rede de esgotos, que também necessita de "substituição total".

De acordo com o relatório, uma das áreas mais críticas do prédio é o piso em madeira existente entre os andares, onde localizam-se as instalações elétricas e hidráulicas. Nestes "entrepisos", ou "andares técnicos", a perigosa convivência entre a rede elétrica e os vazamentos de água representa risco permanente de incêndio. Um simples curto-circuito no local em pouco tempo se transformaria em incêndio de difícil controle, alimentando pela medeira e lixo acumulados lá. Com a cumplicidade do Sistema de Previsão contra Incêndio, que encontra-se desativado, "com a central de comando danificada".

Caso não peguem fogo, os "entrepisos" podem literal-

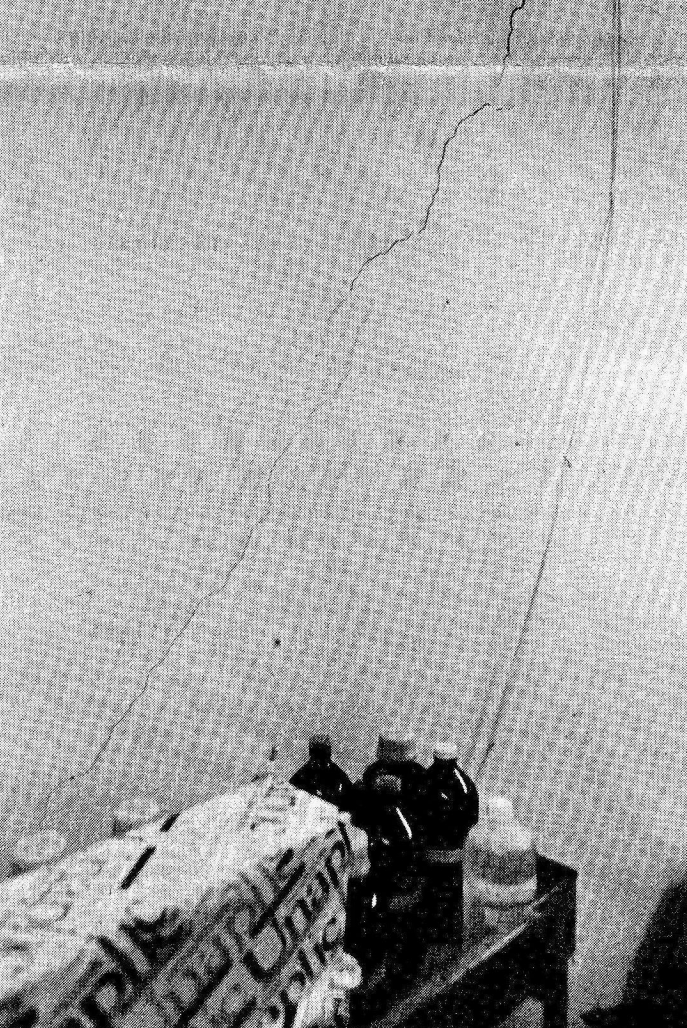
mente desabar na cabeça dos funcionários e pacientes do andar inferior. O acúmulo de água dos vazamentos e falhas da época da construção, "que não seguiu o projeto original", põem em risco de vida tanto as pessoas que executam trabalhos de manutenção sobre eles como quem fica nos andares de baixo. O relatório observa que são conhecidos exemplos de quedas já ocorridas, "felizmente sem maiores consequências".

Além disso, o forro de gesso pendurado nos caibros que sustentam o madeiro está totalmente comprometido, pela fragilidade da fixação, "verificando-se rachaduras generalizadas nas placas e frequentes quedas das mesmas". O relatório aponta, ainda, a impossibilidade de limpar estes entrepisos convenientemente, o que "compromete os andares de atendimento de pacientes, inclusive salas de cirurgias".

Caso não peguem fogo, os "entrepisos" podem literal-

Brigadeiro teme pela demanda

VALERIO AYRES



As rachaduras nas paredes são visíveis e perigosas

O diretor do Hospital das Forças Armadas, brigadeiro Rothier, está muito preocupado com a possibilidade de ter que voltar a colocar seu hospital à disposição de usuários da rede da Fundação Hospitalar, a exemplo do que aconteceu na greve dos médicos da FHDF. "Estou apreensivo, muito apreensivo com o que tenho lido nos jornais. Nossa experiência na greve nos mostrou que o HFA não pode sustentar por muito tempo a absorção do HBB", observa Rothier.

O diretor lembra que na época da greve o atendimento aos pacientes da FHDF inicialmente era de 30 a 40, e no final chegou a atingir 150. "Até há bem poucos dias atrás nós ainda tínhamos pacientes que entram aqui na greve. Ficaram quase dois meses, sem retorno financeiro. Entramos pelo cano", conclui Rothier. Ele ressalta, por outro lado, que o HFA tem toda a boa vontade e interesse em atender pacientes de qualquer hospital em casos de emergência, desde que isso não se torne rotina. "Durante a greve colocaram até uma placa na frente do HBB mandando os pacientes procurarem o HFA", indigna-se o brigadeiro.

Rothier afirma que o HFA já atingiu seu "limiar de atendimento". "Hoje, (ontem) dia 28, estou com a UTI, o Centro Cirúrgico e a Internação lotados. Temos desmarcado cirurgias eletivas devido à necessidade de realizar cirurgias de emergência encaminhadas por nosso pronto-socorro", observa o diretor. Ele diz que de dois anos para cá, "talvez até pelo aumento do custo dos procedimentos médicos", a procura cresceu muito e o hospital está tendo dificuldades para acompanhar o ritmo de aumento da demanda.

Além dos servidores militares, o Hospital das Forças Armadas atende a Presidência da República, embaixadas, adidos estrangeiros no Brasil, o Supremo Tribunal Federal, o Supe-

rior Tribunal Militar e os gabinetes dos ministérios, como também o Corpo de Bombeiros e a Polícia Militar "que já são do GDF", lembra Rothier. "Nós já temos as nossas destinações feitas. Fico numa situação muito difícil se deixar de atender um servidor nosso, que inclusive está pagando, por estar com a capacidade de atendimento do hospital totalmente

comprometida", observa o brigadeiro.

Rothier critica a falta de planejamento, na sua opinião fundamental para o setor funcionar bem. "E por isso que dá esse bolo todo, falta soro antitétnico, falta soro antiofídico. Não é possível se resolver que vai fechar um hospital do dia para a noite e querer que os outros recebam seus pacientes".

Feudo político gerou o caos

"O HBB precisa não só de uma reforma física, mas administrativa também". A declaração é do pediatra Ernesto Silva, pioneiro em Brasília, responsável pela construção do HBB. O ex-secretário de Saúde, Jofran Frejat, também partilha da mesma ideia e afirma: "Pode-se trocar toda a aparelhagem que de nada adiantará. O HBB precisa de ser bem gerenciado". Já o ex-secretário Alberto Barbosa, que ficou à frente da Secretaria até o dia 3 de junho, quando pediu demissão devido à greve dos médicos - acha difícil afirmar que o HBB tenha chegado a um estado tão precário de funcionamento pela má administração. Ele prefere atribuir o problema à falta de recursos.

Outra crítica recai sobre a moral do trabalho executado lá dentro. O médico Ernesto Silva diz que criou-se no hospital "feudos" com o único objetivo de fazer política. Isso gerou um caos na estrutura administrativa e física. "A indiferença e a falta de manutenção foram os principais fatores para esta deterioração". O médico acha que se tivesse sido elaborada uma previsão de recursos para manutenção, gastos tão altos com uma reforma geral seriam evitados. Segundo o ex-secretário Alberto Barbosa, o assunto já havia sido levantado no ano passado e de lá para cá foram realizados diversos estudos sobre a viabilidade do hospital ser fechado ao público.

Jofran Frejat também acusa o HBB de ter sido, durante algum tempo, um órgão meramente político e aponta o ex-secretário Carlos Mosconi como o principal responsável. Ele alerta sobre o fato de Mosconi não conhecer a realidade do DF e durante nove meses nada ter feito para a melhoria do atendimento médico da capital.

O médico Ernesto Silva, que de 1956 a 1961 foi o diretor da Novacap responsável pela organização do sistema de saúde e

educacional, explica que até 1964, quando os médicos se dedicavam integralmente ao HBB, o funcionamento foi bom. Depois fragmentou-se com muitos profissionais dividindo-se entre dois ou três empregos, perdendo o vínculo com o hospital. "É um problema nacional, uma falha de organização". O ideal, segundo ele, seria o médico ter apenas um emprego ("com salário que atenda suas necessidades").

Esta é uma solução a longo prazo para um problema complexo que afeta hoje o setor de saúde do DF. E fechar o HBB para reforma total é uma solução urgente e rápida, "desde que se tenham recursos", observa o ex-secretário Alberto Barbosa. Contudo, desativar um hospital deste porte é um fato preocupante. Jofran Frejat diz que caso não seja garantido o atendimento médico em outros hospitais, a paralisação do HBB pode ser desastrosa e trazer sérios problemas à população.